

Fundamentos do Ensino/ Aprendizagem em Artes Visuais para o desenvolvimento da alfabetização visual dos educandos da Escola Municipal Santa Luzia Lobato

*Fundamentals of Teaching / Learning in Visual
Arts for the visual literacy development
of students at the Escola Municipal
Santa Luzia Lobato*

JAILDON JORGE AMORIM GÓES*

Artigo completo submetido a 3 de maio e aprovado a 23 de maio de 2015.

*Brasil, Artista Visual, Arteterapeuta e Arte Educador em Artes Visuais. Licenciatura em Desenho e Artes Plásticas, Universidade Federal da Bahia (UFBA) / Pós-Graduação: Especialização em Arteterapia pela Universidade Católica em Salvador (UCSAL) / Especialização em Arte-Educação, Cultura Brasileira e Linguagens Contemporâneas, UFBA.

AFILIAÇÃO: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos — IHAC/UFBA. Programa de Mestrado Profissional em Artes — PROF-ARTES, Rua Barão de Jeremoabo, PAF IV — Sala 306, s/n, Ondina, 40170-115, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: jairtes@hotmail.com

Resumo: O artigo reflete sobre a democratização e acesso à linguagem artística visual na Escola Municipal Santa Luzia Lobato, localizada em uma comunidade popular na cidade de Salvador/Bahia, a partir da observação da falta de fluência e interesse dos educandos em relação aos códigos artísticos e estéticos visuais. Fundamentado em uma pesquisa bibliográfica, este estudo objetiva contribuir com ressignificativos fundamentos metodológicos do ensino/aprendizagem em Artes Visuais, de maneira a possibilitar a alfabetização visual dos educandos em sua cotidianidade.

Palavras-chave: Alfabetização Visual / Arte / Democratização / Educação.

Abstract: *The article reflects on the democratization and access to visual language arts at the Municipal School Santa Luzia do Lobato, located in the popular community of the city of Salvador / Bahia, from the observation of the lack of supply and interest of students in relation to visual arts and aesthetic codes . Based on a literature review, this study aims to contribute new significant methodological foundations of teaching / learning in visual arts, in order to enable the visual literacy of students in their daily lives.*

Keywords: *Visual Literacy / Art / Democratization / Education.*

Introdução

Refletir sobre a democratização e o acesso às linguagens artísticas nas escolas de comunidades populares, tornou-se atualmente um evento importante, justamente pela peculiaridade das provocações que a área de Arte promove na educação básica nestes contextos. Independente da classe social, hoje os educandos estão inseridos numa cultura pós-moderna, mediada pelos avanços tecnológicos, pela fragmentação da identidade cultural e também pela poluição imagética. Com isso, as Artes Visuais, na perspectiva da cultura visual contemporânea têm um papel importante na construção da visualidade/visibilidade dos educandos e na forma como eles ampliam a inteligência, a percepção, a sensibilidade, a criatividade, a reflexão, a crítica, a estesia e a imaginação através do ver/olhar.

Tomando-se como referência o contexto da Escola Municipal Santa Luzia Lobato, localizada em Salvador /Bahia /Brasil, observei que os educandos não tinham fluência aos códigos artísticos e estéticos visuais (alfabeto visual formal e vivencial) e, em consequência da ausência dos estudos formais dos códigos visuais, estes educandos acabavam vivenciando um processo de analfabetismo visual (que denomino como cegueira imagética), provocando nos mesmos a falta de interesse pelas aulas de Artes Visuais, a invisibilidade do visível e a dificuldade para a produção e leitura das imagens em sua cotidianidade.

Neste contexto, constatei esta problemática, através da avaliação diagnóstica da escola, ao analisar o seu projeto político pedagógico. A primeira situação: os educandos nunca haviam experienciado a Arte, nesta escola, através de suas linguagens, de forma sistematizada e a outra, é que a legislação

educacional brasileira inclui e garante a Arte na Educação Básica, atualmente como “disciplina obrigatória” na grade curricular (LDB 939/96) e como “documento de orientação arte-educativo” para expor a compreensão do significado da Arte na educação, segundo o PCN/Arte (Brasil, Secretaria da Educação Fundamental, 1998: 26-7).

Apesar desta linguagem visual ser uma potente ferramenta de expressão humana, a ser oferecida como componente obrigatório na grade curricular na educação brasileira, justamente por reconhecer que as manifestações artísticas estão presentes em nosso cotidiano, o que se constata é que este direito nunca é respeitado e cumprido em muitas instituições escolares dos sistemas de ensino governamental das cidades brasileiras. Desta maneira, negligenciar a Arte, em especial as Visuais como oportunidade de apropriação destes saberes socioculturais, é a mesma coisa que boicotar todas as possibilidades de desenvolvimento da inteligência visual dos educandos privando-lhes do direito de tornarem-se criadores e receptores da mensagem visual, ou seja, de negar o direito de “transformá-los em indivíduos visualmente alfabetizados” (Dondis, 2007: 05).

É sabido de todos os arte-educadores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem em Artes Visuais, que o não acesso aos códigos artísticos e estéticos dificulta o gosto, o interesse para a produção e a apreciação por estes saberes artísticos. Sendo que o crime maior é impossibilitar o acesso aos educandos destas comunidades, talvez uma das poucas oportunidades de inclusão e inserção social, de libertação e transformação de consciências para o desenvolvimento de uma cidadania e humanidade plena.

Privar o aluno em formação deste conhecimento é negar-lhe o que lhe é de direito. A participação na vida cultural depende da capacidade de desfrutar das criações artísticas e estéticas, cabendo à escola garantir a educação em Arte para que seu estudo não fique apenas reduzido à experiência cotidiana (Iavelberg, 2003: 9).

A partir deste contexto de privação artística, passei a me perguntar como e o que fazer para reverter esta situação. Sendo assim, cotidianamente me perguntava mediante esse contexto: Qual a função do ensino de Arte nestas comunidades? Como e quais métodos me ajudariam a propor um ensino artístico eficiente? E quais imagens seriam importantes para ajudar no processo de alfabetização visual destes educandos?

Por tudo isso, este estudo objetiva contribuir com ressignificativos fundamentos metodológicos do ensino/aprendizagem de Artes Visuais, de maneira a possibilitar o acesso e a socialização destes conhecimentos, tendo em vista desenvolver um processo de alfabetização visual dos educandos da comunidade

popular atuando como arte-educador. Sempre tive estas dúvidas e as respostas até hoje venho buscando... Enfim, tornou-se um grande desafio pra mim, mediar um trabalho com Artes Visuais, consciente da minha reponsabilidade sociocultural nesta escola.

1. Reflexões sobre fundamentos metodológicos e a alfabetização visual dos educandos da Escola Municipal Santa Luzia Lobato

Na contemporaneidade vivemos na perspectiva de uma cultura imagética mais conhecida como a “era da visualidade” ou da “cultura visual”, na qual podemos perceber a presença das imagens de todos os tipos e em toda parte, desde as do mundo presencial, quanto as do universo virtual. Somos cotidianamente bombardeados por estímulos visuais. Com isso, consumimos as imagens de uma forma direta e ou indireta, consciente ou inconscientemente, surgindo a necessidade de aprendermos a olhar/ver, mediante a proliferação visual.

O homem sempre buscou a comunicação e a expressão por meio de imagens, desde a pré-história, sendo que atualmente, a imagem tornou-se um instrumento poderoso e decisivo para a construção do que fazemos da realidade que nos cerca e para a formação do juízo ético e estético da nossa existência. Como o processo de alfabetização não se dá somente pela escrita, mas também pelo desenvolvimento das visualidades/visibilidades, (Hernández, 2007: 29) identifica citando o diretor de cinema Bigas Luna que: “pessoas analfabetas do século XXI, serão aqueles sujeitos que não conseguem construir narrativas através das imagens”.

Mesmo vivenciando um constante contato com imagens e sendo sujeitos de uma sociedade contemporânea multimagética, multirreferenciada, multicultural e interativa, é possível identificar nos educandos um processo de analfabetismo visual e perceber a dificuldade dos mesmos em refletir sobre o sentido/caráter da imagem e sobre a construção de narrativas imagéticas em suas existências. Neste contexto, emerge a necessidade premente de possibilitar aos educandos o desenvolvimento de uma alfabetização artística visual que atenda às demandas da cultura visual e da Arte clássica e contemporânea. Dondis ilumina a questão:

Além de oferecer um corpo de informações e experiências compartilhadas, o alfabetismo visual traz em si a promessa de uma compreensão culta dessas informações e experiências. Quando nos damos conta dos inúmeros conceitos necessários para a conquista do alfabetismo visual, a complexidade da tarefa se torna muito evidente. (Dondis, 2007: 227).



Figura 1 · Educandos experimentando ludicamente as várias possibilidades dos brinquedos e das brincadeiras de criança, na Oficina Brincar com Arte, cujo o tema gerador foi de grande interesse dos educandos. Fonte: própria.

Figura 2 · Aula em que experimentamos a leitura de imagem através de obras-de-arte com a temática da infância e dos brinquedos e brincadeiras de criança. Fonte: própria.



Figura 3 · Educandos trabalhando criaram imagens utilizando a técnica de pintura em tela, a partir do conhecimento dos códigos visuais e reflexão sobre os contextos das imagens, de vários artistas que utilizaram a temática brinquedos e brincadeiras infantis.
Fonte: própria.

Figura 4 · Cartaz da 1ª Exposição de Pintura dos educandos da Escola Municipal Santa Luzia do Lobato, construídas a partir da Oficina Brincar com Arte.
Fonte: própria.

Como aprender a ver é questão complexa, que perpassa o desenvolvimento cultural, é obrigação das escolas brasileiras oferecer possibilidades de educação do ver/olhar e da apropriação imágética como forma dos educandos darem sentido às suas experiências culturais cotidianas. Por isso que a presença constante delas na vida dos educandos ressalta a importância da alfabetização visual desde o início da vida escolar, para que os mesmos possam desenvolver a inteligência visual e a capacidade/habilidade de ler e interpretar, criar e contextualizar as imagens presentes no seu contexto cotidiano.

A importância das Artes Visuais no currículo escolar é fundamental. Não basta aos educandos somente saber enxergar, já que quase todos nós nascemos praticamente com esta capacidade fisiológica, mas do ponto de vista artístico visual, necessitamos aprender a ver do ponto de vista cultural: saber perceber, observar, olhar com atenção e ver as manifestações visuais produzidas pela humanidade, aprendendo a distinguir e identificar intencionalidades, pensamentos, sentimentos, ideias, e qualidades nas proposições imágéticas.

Nós, arte-educadores em Artes Visuais, precisamos assumir o compromisso político e sociocultural e a responsabilidade de educar os indivíduos pelo olhar, em estimular e desempenhar a função de mediador da alfabetização visual nos educandos. Isso só vai acontecer e colaborar para a transformação da visão que os educandos fazem de si, dos outros e da realidade, se houver a socialização nas escolas equânime dos saberes artísticos e estéticos dentro e fora das escolas.

Segundo Paulo Freire (1996) pensar numa educação que seja acessível a todos, de forma indiscriminada, é pensar nas possibilidades de ação-reflexão, de diálogo e na transformação de consciências e da realidade a partir da leitura do mundo, com isso, a linguagem de Artes Visuais seria a possibilidade de criação de metodologias significativas, já que proponho aos educandos conhecer o mundo, vendo e vendo-se, enquanto leitor e interprete do mundo, através do desvendar do universo visual de seu cotidiano.

Penso que o primeiro passo durante o processo de alfabetização artística visual aos educandos é oferecer o acesso e a apropriação dos códigos/elementos visuais (ponto, linha, forma, cor, textura, luz, volume, sombra, movimento, perspectiva, ritmo, dimensão, etc.) que compõem a gramática visual e suas relações com os processos compositivos. É através do diálogo, organização e compreensão destes conhecimentos que os educandos se sentirão empoderados destes saberes e poderão atuar na sociedade enquanto sujeitos sociohistóricos e culturais, sendo protagonistas de sua própria visão de mundo e criadores de suas próprias poéticas visuais.

Pensando nestes pressupostos, busquei criar estratégias metodológicas que

pudessem ajudar os educandos desta escola a valorizarem a Arte e a linguagem visual que lhes foram negligenciadas, reforçando assim as identidades visuais a partir de referenciais imagéticos concernentes a si mesmos, aos outros e à realidade; constituindo assim a base de uma proposta de ensino e aprendizagem em Artes Visuais realmente significativa, democrática, inclusiva e holística.

Neste contexto, percebi que para extrair dos educandos um olhar mais apurado, já que não receberam uma educação para aprender e saber ver, comecei a investigar a cultura local, e identificar a vontade, o desejo, o interesse e as necessidades que eles tinham em relação a Arte, em especial as Visuais, para poder compreendê-los e orientá-los numa perspectiva de mudança.

O ponto de partida metodológico foi escutá-los, permitindo um diálogo com seus anseios, fazendo-os compreender que todo processo educativo tem uma intencionalidade, e que o objetivo maior seria inter-relacionar as visões de mundo e a partir daí formular uma proposta arte-educativa crítica e criativa, partindo de temas geradores e propostas problematizadoras e conscientizadoras que fossem do interesse da turma (Figura 1) — com isso:

Esta investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo a apreensão de temas geradores e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos (Freire, 2014: 121).

Por temas geradores, entende-se que são propiciadores de conhecimento, justamente porque parte do estudo da realidade dos educandos que os mobiliza para uma aprendizagem significativa e para a construção de uma rede de relações visuais que permitirá, tanto ao educador quanto aos educandos, uma postura cultural discursiva, interpretativa, política e crítica da realidade, em um processo de constante problematização, exigindo a participação de todos de forma interativa, participativa e coletivizada, mas sem perder o foco no sensível e no criativo.

A partir daí, percebi que os educandos somente desenvolverão uma cultura artística, ao fazer, ler e contextualizar imagens utilizando como base de orientação pedagógica, a Abordagem Triangular, sugerida pela pesquisadora e arte-educadora brasileira Ana Mae Barbosa (2009: 33), que assegura a importância do processo de alfabetização artística e estética dos educandos, justamente por “inter-relacionar o fazer artístico à leitura de obra de arte e à história da arte”, colocando a imagem como centro do processo de ensino e aprendizagem em Artes Visuais.

No entanto, na perspectiva da arte contemporânea e no contexto da escola em que atuo, face a dificuldade de concentração dos educandos, privação cultural e mediante uma oferta de poluição visual, para assegurar o desenvolvimento de uma visualidade/visibilidade, tive que modificar esta abordagem, incluindo também o conhecer (pesquisar), o contemplar (observar) e o refletir (questionar) entre a sequência sugerida pela pesquisadora. Além disso, no processo de fazer/criar, a experiência artística visual deve incluir também o “ócio criativo”, termo alcunhado pelo sociólogo italiano Domenico de Masi, que defendo aqui como tempo livre para devaneiar e estruturar o processo criativo/poético visual.

Com isso, ao longo da minha experiência docente percebi, na relação travada em sala de aula, ligações intrínsecas entre arte, cultura e vida cotidiana. Constatei que no processo de alfabetização visual, para desvendar o sistema de signos artísticos visuais, os educandos antes disso devem primeiramente conhecer, através de pesquisa, os códigos visuais. Em segundo lugar, aprender a contemplar (observar), desenvolvendo o olhar atencioso e, em terceiro, refletir de forma crítica sobre o que é visto e não visto no mundo ideal, real e possível.

Nesta perspectiva, os educandos desta comunidade popular conseguiram produzir (criar), ler e contextualizar as imagens de forma muito mais significativa (Figura 2 e Figura 3) — sendo capazes de perceber e analisar a cultura em que eles estão inseridos e tendo a oportunidade de contrapor a sua identidade local com as referências imagéticas globais, adquirindo não só o entendimento contextual das diversas manifestações artísticas visuais, mas também dos sistemas de valores, influências e tensões da sociedade em que vivem de forma reflexiva, crítica, sensível e criativa.

Considerações finais

Ao propiciar aos educandos um processo de alfabetização artística e estética através das imagens, pude perceber durante todo o processo de avaliação, principalmente nos relatos de auto avaliação e no olhar de cada educando, um desejo de aprender cada vez mais sobre o poder da imagem, como também pela necessidade de aprender a produzir, criar, ler, refletir e contextualizá-las.

A partir desta mudança de enfoque metodológico, podemos conjuntamente (eu e os educandos) investigar os temas sugeridos e alinhar conteúdos artísticos. Com isso, consegui propiciar experiências artísticas e estéticas mais significativas para os educandos; observei também impactos positivos na atitude deles frente a estes saberes, provocando um interesse maior pela Arte e a linguagem visual e um comprometimento com as aulas e as vivências estéticas dentro e fora da escola.

Como as aulas de Arte tornaram-se um espaço aberto para dar voz a visão que eles constroem de si, dos outros e da realidade, esta oportunidade propiciou que os educandos tornassem agentes protagonistas de suas ações reflexivas sobre os saberes artísticos e estéticos. E a maior contribuição neste processo foi ajudar na elevação da autoestima e, conseqüentemente, da autoimagem dos mesmos (Figura 4) — pois quando abrimos espaços para que eles mostrem suas potencialidades criativas e suas referências culturais eles tendem a se sentirem mais valorizados, humanizados e respeitados como seres construtores de uma visão de mundo e de uma história de vida.

Na análise das imagens, nos projetos problematizadores, na troca de ideias, discussões, debates e diálogos, os educandos tiveram a oportunidade de exercitar de forma crítica o respeito aos diferentes pontos de vista que existem acerca de uma única imagem, ao qual se pode obter inúmeras leituras e não somente uma única interpretação, reconhecendo que as imagens carregam significados/sentidos, são como perguntas em aberto, que cabe sempre uma nova possibilidade de resposta.

Conhecer a gramática visual, ler de forma questionadora, delineando estratégias de contestação e resistência para romper com padrões estetizantes banalizadores da cultura e produzir de forma criativa, contextualizada e consciente, faz com que estes educandos circulem com desenvoltura sobre o mundo imagético que geralmente nos é (im)posto cotidianamente.

Reconheço que o processo de alfabetização visual é complexo, como os indivíduos têm uma percepção de mundo diferente, constatei que cada um dos educandos desenvolveu a consciência do olhar/ver em seu próprio tempo pedagógico, uns com mais facilidade e outros com mais dificuldade, mas sempre aprendendo a sensibilizar-se pelo olhar.

Penso que mesmo assim, são urgentes os esforços para a democratização dos conhecimentos artísticos e estéticos na escola, sendo ou não de comunidades populares, os benefícios culturais do acesso aos saberes artísticos e estéticos são numerosos para a compreensão da realidade em que vivem e a para incentivá-los a participar ativamente do seu processo de transformação pessoal e também sociocultural.

Enfim, estes resultados permitem afirmar que estou conseguindo contribuir para um processo de ensino/aprendizagem em Artes Visuais desenvolvendo nos educandos desta escola uma alfabetização artística visual realmente transformadora, de forma a que eles aprendam cotidianamente a olhar a realidade de si, dos outros e do mundo em perspectiva, alargando o horizonte visual e vendo sempre além do que a maioria das pessoas veem.

Referências

- Barbosa, Ana Mae (2009) *A Imagem no Ensino da Arte: Anos 80 e Novos Tempos*. 7ª Edição Revisada. São Paulo: Perspectiva.
- Brasil, Secretaria da Educação Fundamental (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (1º a 4º Séries / 5º a 8º Séries)*. Secretaria da Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF.
- Dondis, Donis A. (2007). *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução: Jeferson Luiz Camargo. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, Paulo. (2014). *Pedagogia do Oprimido*. 57ª Eds. Rev. e Atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, Paulo. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Hernández, Fernando. (2007). *Catadores da Cultura Visual: Transformando Fragmentos em Nova Narrativa Educacional*. Trad.: Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, lalveberg, Rosa. (2003). *Para Gostar de Aprender arte; Sala de Aula e Formação de Professores*. Porto Alegre, RS: Artmed Editora.